

TRABALHO EM GRUPO: CONCEPÇÕES PRÁTICAS E CONTRIBUIÇÕES NO CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

GROUP WORK: CONCEPTIONS, PRACTICES AND CONTRIBUTIONS IN BIOLOGY COURSE

Kelly Soares Rosa¹
Nora Ney Santos Barcelos²

¹Universidade Federal de Uberlândia/INBIO/Curso de Ciências Biológicas, k_srosa@yahoo.com.br;

² Universidade Federal de Uberlândia/INBIO, noraney@uai.com.br

Resumo

A presente pesquisa aborda a concepção prévia e a prática do Trabalho em Grupo por licenciandos, durante o Curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Uberlândia e, mais especificamente, numa disciplina do curso. Para tanto, utilizou-se Observação direta, Entrevistas e análise de Portfólios. Constatou-se que a concepção de Grupo que prioriza a afinidade entre os componentes, favorece a exclusão social e a ação individual. Entretanto, uma estratégia – o Painel Integrado - utilizada na disciplina pesquisada, constituiu um elemento intermediário no processo, ao possibilitar na vivência das relações interpessoais grupais a revisão conceitual de valores e mudanças de atitudes. Ensinar sobre Trabalho em Grupo pode significar uma iniciativa compatível com as demandas atuais da Educação Básica e Superior, o que implica perceber e refletir o Grupo no processo da Ação, como uma construção no ambiente da sala de aula, sob mediação do professor.

Palavras-chave: Trabalho em Grupo; Ensino/Aprendizagem; Formação.

Abstract –

The objective of this research was to diagnose the previous conception about Group work and the history of group practice lived by graduation students during Biology course of Universidade Federal de Uberlândia, beyond that, investigate the practice of an specified group in a discipline of the course. Using the direct observation, interviews and analysis of portfolios, it was observed a group conception that prioritizes affinity between colleagues, favoring social exclusion and individual action. One strategy used in the discipline – the integrated panel – consists as an intermediate element in the process, when make possible the experience of interpersonal relationships in groups allowing conceptual reviews of values and behavior changes. Teach about Group work can mean an compatible initiative with the current demands of Basic and Superior education, what implies to reflect the group in the process of action as a construction in the environment of class on the teacher's mediation.

Keywords: Group work; teaching/learning; formation

I- INTRODUÇÃO

A atualidade representa o momento em que estamos saindo da era da individualidade para ingressar na era da grupalidade, na qual, para atingir suas metas, já não bastará ao ser humano o esforço individual sem sua inserção no ambiente coletivo, havendo, mais do que nunca, a necessidade de se compreender e trabalhar em e com Grupos (OSÓRIO; 2000).

No âmbito educacional, os Parâmetros Curriculares Nacionais- PCN's apontam para a importância do Trabalho em Grupo como forma de se estabelecer e desenvolver os quatro pilares da Ética - Respeito, Justiça, Solidariedade e Diálogo - que garantem ao aluno uma atuação autônoma e crítica em uma sociedade democrática:

O trabalho em grupo, entendido como cooperação com o outro em busca de decisões conjuntas, contribuirá para que os alunos, orientados pelo professor, aprendam paulatinamente a fazer contratos, a honrar a palavra empenhada, a comprometer-se na elaboração dos projetos coletivos, a estabelecer relações de reciprocidade. Todas as áreas do conhecimento poderão utilizar essa estratégia cotidianamente. Trata-se de uma orientação geral, cujos efeitos são ricos do ponto de vista da aprendizagem dos diversos conteúdos, como também no desenvolvimento do respeito mútuo. (BRASIL, 1998, p.111)

Partindo desses pressupostos, JESUS (2003) ressalta que o Trabalho em Grupo não tem recebido a devida importância no cotidiano da escola e que não tem mostrado bons resultados em virtude do não reconhecimento, por parte dos professores, de seus conteúdos conceituais e atitudinais. Em uma pesquisa realizada com acadêmicos licenciandos do curso de Ciências Biológicas, ROSA e BARCELOS (2004) constataram que, pela falta de conhecimentos teóricos a respeito do assunto, a prática do Trabalho em Grupo acontece sem nenhum parâmetro metodológico, ao longo do processo de educação escolar do indivíduo. Os acadêmicos entrevistados reconhecem as falhas do trabalho grupal desenvolvido por eles e apontam a prática no Grupo como uma repetição de uma metodologia de ensino que leva a uma aprendizagem fragmentada e, portanto, insatisfatória.

Diante desse contexto, a presente pesquisa tem como objetivos:

- Diagnosticar as concepções de acadêmicos licenciandos a respeito do Trabalho em Grupo, bem como relatar a história da prática grupal vivenciada por eles ao longo do curso de Graduação;
- Averiguar como se dá o processo de formação e de operacionalização de um Grupo específico dentro de um Grupo Classe, diante da escolha de um tema sexual para estudo;
- Verificar em que medida uma dinâmica grupal contribui como elemento intermediário na formação e na operacionalização do Grupo pesquisado.

II- METODOLOGIA

A presente pesquisa configura-se como Pesquisa Qualitativa. O campo da pesquisa constituiu-se da disciplina optativa Educação, Saúde e Sexualidade, oferecida no curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Uberlândia. Os conteúdos dessa disciplina são

trabalhados na perspectiva da prática do Trabalho em Grupo na sala de aula, utilizando-se de dinâmicas e outras atividades interativas. Dentre as atividades interativas dessa disciplina, escolheu-se o “Painel Integrado” como cenário da presente pesquisa, para investigar como acontece o Trabalho em Grupo por uma amostra de acadêmicos.

Foram utilizados três tipos de instrumentos para coleta de dados: Observação direta (de todos os alunos durante as aulas da disciplina) , Entrevista (com seis membros do Grupo selecionado como amostra, os quais foram identificados no trabalho pelas siglas: RAF, ANA, TAI, CYN, MAR e RUB) e Registros de Portfólios (para complementar os dados obtidos pela Observação direta e pelas Entrevistas). Este instrumento permitiu o acesso às reflexões pessoais e às emoções vivenciadas pelos sujeitos da pesquisa, semanalmente, durante os três meses de acompanhamento da disciplina. Neste caso foi relevante ampliar a amostra grupal inicial com Registros de Portfólios de membros de outros Grupos. As Entrevistas foram feitas após a finalização da atividade “Painel Integrado”. A escolha do Grupo-Amostra aconteceu a partir da Observação Direta, em razão do comportamento diferenciado apresentado pelo mesmo em relação aos demais, no momento em que a professora determinou a formação de Grupos para dar início à aula do dia. A Entrevista caracterizou-se como semi-diretiva, por desenrolar-se a partir de um esquema básico, mas que não foi aplicado rigidamente, permitindo que fossem feitas as necessárias adaptações.

III- DO TRABALHO EM GRUPO NA CONCEPÇÃO DE ACADÊMICOS DO CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS –UFU

“Estar em grupo não é nada fácil, mas fica muito mais tranquilo se o seu grupo é o ‘seu grupo’, entende? Quando o grupo é composto por pessoas que você conhece, convive, tem afinidades” (Acadêmica).

O registro acima mostra uma concepção que é compartilhada pela maioria dos entrevistados a respeito dos elementos que sustentam um Grupo no seu processo de operacionalização: o conhecimento e a afinidade entre os membros do Grupo.

Outras contribuições são apresentadas por RAF, conforme podemos observar nos seu depoimento apresentados seguir:

“Eu acho que o que sustenta o grupo é a responsabilidade e ser um grupo de pessoas que se entendem, principalmente, mas, se não for, também isso não impede... É preciso responsabilidade com o grupo. Você estar fazendo a sua parte, estar sempre disposto a estar procurando, não fazer corpo mole” (RAF).

RAF concebe Grupo na perspectiva de PICHON-RIVIÈRE (1998), como aquele no qual o sujeito conhece e desempenha seu papel, de acordo com as leis da complementaridade. RAF consegue compreender o processo grupal de uma forma operativa, valorizando a competência e a responsabilidade dos membros do Grupo.

Um outro depoimento que merece atenção é apresentado abaixo :

“O assunto tem que ser do interesse de todo mundo, se não for, o pessoal faz só para ter o resultado, um vai empurrar pro outro. Pode ser um grupo que todo mundo se identifica um com o outro, todo mundo se conheça e tal, mas se não tiver isso não adianta, não funciona” (RUB).

Para RUB, é essencial que haja uma identificação do Grupo com o tema a ser trabalhado, sendo este, um aspecto importante na formação e operacionalização do Grupo. Tal

postura remete à teoria da aprendizagem significativa proposta por AUSUBEL et al. (1980), que a definem como um processo pelo qual uma nova informação relaciona-se com um aspecto relevante da estrutura de conhecimento do indivíduo, pressupondo que: - O material aprendido seja potencialmente significativo para o aprendiz; - O aprendiz manifeste uma disposição de relacionar o novo material de maneira substantiva e não arbitrária a sua estrutura cognitiva.

Tais depoimentos servem de alerta aos professores, ao mostrar que deve existir a preocupação com a identificação dos alunos - sujeitos do processo - com o tema (conteúdo) a ser trabalhado pelo Grupo, mas também com as relações interpessoais que se desenvolvem na sala de aula e que vão influenciar a produção do Grupo e a práxis grupal.

Seria o modelo de avaliação fundamentado em Nota um fator que levaria os membros a se escolherem pela afinidade pessoal, no sentido de garantir melhor resultado quantitativo? E no caso da preferência pelo tema, estaria o Grupo num patamar mais evoluído?

IV- DA HISTÓRIA DO TRABALHO EM GRUPO VIVENCIADO POR ACADÊMICOS AO LONGO DO CURSO

“Muitas vezes nem era trabalho em grupo. A gente dividia, cada um pegava uma parte, fazia e entregava.. Um ficava responsável por sintetizar e pronto. Não é um grupo mesmo” (RAF).

O depoimento acima, demonstra que RAF tem consciência das falhas do processo desenvolvido por ele e seus colegas, algo muito aquém do que deveria ter sido o trabalho de um Grupo. O relato de CYN, vem confirmar que essa é uma prática muito freqüente durante a Graduação, como se pode perceber:

“Porque nos grupos da graduação tem muito os parasitas, que não trabalham, que não participam, e a gente acaba pondo o nome. E além disso não tem integração, porque cada um faz seu trabalho. Às vezes, nem a pessoa do grupo sabe realmente o que os colegas tão apresentando, só estuda a parte dela” (CYN).

RAF e CYN falam de um Grupo de trabalho fragmentado, que pode ser entendido como uma simples soma de tarefas individuais. RAF evidencia apenas uma preocupação com o produto final do trabalho que, naquela situação, era um texto, não fazendo menção a uma aprendizagem de conteúdos atitudinais e procedimentais.

Entende-se melhor tal problemática, ao se analisarem as idéias de BARUS-MICHEL (2004, p.59) quando diz:

O grupo é uma referência simbólica a partir da qual se codificam todas as produções. Se é função da ação, se opera na realidade, essa realidade inscrita na produção não é a realidade do grupo; a produção, por sua vez, remete a uma imagem do grupo, mas não é o grupo. Os templos e as pirâmides podem nos dar uma certa idéia do coletivo que os produziu, mas não o substituem.

Grupo, de acordo com a referida autora, é mais do que a sua produção, é *função da ação*. Dessa forma, o desempenho do Grupo não pode ser reduzido (nem pelos alunos nem pelos professores) ao produto final, como um texto ou a uma apresentação oral.

Cabe ressaltar que, no momento em que os alunos decidem dividir o conteúdo em partes, ficando cada um responsável pela produção de uma parte fragmentada do chamado Trabalho em Grupo, o Grupo nem chega a se constituir, pois, como afirma SOUTO (1993), o Grupo é um ato que envolve reciprocidade, mediação, no qual cada membro não atua como indivíduo isolado, mas como uma pessoa comum ao Grupo.

Outro aspecto relatado por CYN, é a falta de responsabilidade e de compromisso durante o trabalho grupal. No entanto, é interessante perceber que não houve evidência de cobrança por parte dos sujeitos da pesquisa, ou seja, transformação de atitudes em prol de mudança de comportamento (desempenho de papéis). Pelo contrário, existe mais contribuição ao continuísmo que intervenção em favor de mudança atitudinal entre os acadêmicos.

SARTRE (1978) afirma que a construção de um Grupo dá-se no movimento que vai da serialidade à grupalidade, sendo que no primeiro estágio existe apenas um agrupamento, em que cada um está centrado apenas em suas próprias necessidades e, no segundo, as necessidades tornam-se comuns e as pessoas articulam-se para concretizar esses objetivos. Nessa perspectiva, compreendem-se as experiências relatadas como agrupamentos e não como Grupos, pois não existe articulação dos membros para concretização de um objetivo comum.

É interessante observar que tal postura do professor/a na Graduação reforça nos acadêmicos a concepção relacional de Grupo – que prioriza a afinidade entre si, pois, estão habituados a formar Grupos antes de conhecerem os temas de trabalho e, portanto, de fazerem suas escolhas. Nesse contexto, cabe retomar a idéia de que a significação do material a ser aprendido pelo aprendiz é condição essencial para a ocorrência de uma aprendizagem significativa (AUSUBEL et al., 1980).

Outras contribuições são encontradas no depoimento de MAR:

“Porque na minha graduação a gente sempre fazia os grupos com as mesmas pessoas...então, todo mundo já sabia exatamente o que fazer sabe, a gente sempre reunia no mesmo horário, então era muito fácil” (MAR).

MAR relata uma situação muito comum entre os acadêmicos, também relatada no depoimento abaixo:

“Porque assim, o mesmo grupo que eu escolhi no primeiro período é o grupo que eu trabalho até hoje, no último ano de Faculdade” (Acadêmica).

Percebe-se que existe entre os acadêmicos uma forte tendência em priorizar a afinidade como critério de formação e de sustentação do Grupo. As falas apresentadas anteriormente mostram uma prática distorcida, que se vai mantendo num contexto de ausência de conhecimento teórico sobre Trabalho em Grupo por parte dos professores (as) e alunos.

Nesse sentido, é importante ressaltar que a condição determinante para o bom desenvolvimento do trabalho grupal é o Conhecimento em relação ao Trabalho em Grupo. Dessa forma, esses depoimentos comprovam a falta dos três conteúdos que fundamentam este Conhecimento - conceitual, procedimental e atitudinal - sobre Grupo.

V- DO AVESDO DO TRABALHO EM GRUPO NO COTIDIANO DA DISCIPLINA

5. 1- O PAINEL INTEGRADO E A SUA RELAÇÃO COM O TRABALHO EM GRUPO

O “Painel Integrado” trata-se de uma estratégia pedagógica que a professora foi aperfeiçoando ao longo de sua prática docente, a qual possibilita o desenvolvimento do Trabalho

em Grupo, levando em conta competências diversificadas, responsabilidade individual e coletiva, verbalização e socialização. Foi desenvolvida em três fases, sendo que, na primeira, formaram-se sub-grupos a partir do Grupo classe, em número equivalente à quantidade de temas a serem trabalhados. Os componentes de cada Grupo pesquisaram e discutiram em sala de aula e/ou fora dela, o seu tema específico, tirando suas dúvidas e preparando-se para ingressar na próxima fase. Na segunda fase, formaram-se novos Grupos, compostos por um membro de cada Grupo da fase anterior. Nesse momento, cada aluno expôs e discutiu com os colegas o que aprendeu a respeito do seu tema. Dessa forma, todos os membros do novo Grupo compartilharam de todos os temas trabalhados. Na terceira fase, os alunos retornaram para o seu Grupo de origem, para rediscutirem todos os temas com os colegas e produzirem um texto abordando todos os temas trabalhados. Para finalizar, os membros desse Grupo fizeram auto-avaliação do seu desempenho como membro de Grupo – e, também, hetero-avaliação do desempenho dos colegas no Grupo (BARCELOS, 2000).

Para a realização do “Painel Integrado”, ao longo da disciplina em questão, os acadêmicos tiveram a oportunidade de escolher, em Grupo, um dos cinco temas abaixo, propostos pela professora: I- Adolescência, Mídia e Sexualidade; II- Erotismo, Pornografia e Parafilias; III- Prostituição, Violência e Exploração Sexual; IV- Diversidade Sexual; V- Prevenção.

O Painel Integrado envolve relações interpessoais, tanto no momento da formação dos Grupos iniciais, quanto nas implicações decorrentes da desconstrução desses Grupos, ao longo do desenvolvimento da estratégia, conforme pode ser observado a seguir.

Durante o processo de formação, houve um impasse entre dois Grupos que queriam trabalhar a temática IV-“Diversidade Sexual” e a solução encontrada por eles, e pela professora, foi a junção dos mesmos em um único Grupo. Entretanto, na aula seguinte, o Grupo-temática IV foi subdividido em dois sub-grupos, com a subdivisão da temática “Diversidade sexual” e, em decorrência disso, houve reconstituição parcial dos Grupos IV e V com a exclusão do tema – Prevenção.

Nesse contexto, definiu-se um dos sub-grupos envolvidos nesse processo como Grupo amostra da presente pesquisa, sendo que, inicialmente, ele era composto por quatro pessoas: RAF, TAI, ANA e uma outra acadêmica que ingressou em outro Grupo. Posteriormente, outros membros integraram o Grupo amostra: CYN, que pertencia ao outro Grupo envolvido no processo, RUB e MAR, que começaram cursar a disciplina após o início do Painel Integrado. Enfim, o Grupo passou a ser constituído por seis componentes. Portanto, trata-se de uma formação não feita, exclusivamente, por afinidade.

5.2- FORMAÇÃO DE GRUPO NA VOZ DE SEUS COMPONENTES

“Primeiro o meu grupo foi formado por afinidade e pelo tema - Diversidade Sexual. Mas eu, particularmente, preferi Erotismo, Pornografia e Parafilia. Porém, não quis abandonar o grupo de início... E eu, finalmente, **troquei de grupo**, afinal a minha curiosidade e vontade de aprender sobre outro tema foram maiores que a minha afinidade pelo grupo anterior” (Acadêmica que deixou o Grupo amostra).

O trecho acima, revela uma postura inovadora: abrir mão da suposta segurança de trabalhar com colegas afins, em virtude da vontade de aprender um tema de seu interesse, tornando-se membro de um novo Grupo de trabalho. É interessante perceber que a postura da professora foi um fator determinante no comportamento dos acadêmicos no momento da formação dos Grupos de trabalho. A troca de Grupo em função do tema somente foi possível

porque a professora apresentou tal possibilidade aos acadêmicos, encorajando-os, de certa forma, a tomarem tal decisão e isso pode ser comprovado por TAI quando diz:

“Eu acho que foi bom, foi uma experiência diferente. É legal você buscar um grupo pelo tema do que buscar pela afinidade, né. Porque aí você começa a se questionar: será que você queria era esse tema mesmo, ou será que você foi porque o pessoal tava mais propenso a ir pra ele ” ? (TAI)

Nota-se que a atitude da professora, levou TAI a refletir sobre a sua prática no Trabalho em Grupo, gerando um questionamento quanto às suas atitudes, o que representa o primeiro movimento em direção a uma mudança das mesmas. Desta forma, é necessário que os professores se conscientizem da importância do seu papel no processo de inovação e mudança de concepções e atitudes por parte dos alunos. A professora procurou propor meios para que os membros dos Grupos conduzissem seu próprio processo formativo, deixando-os numa situação de escolha e decisão. Isso refletiu nos depoimentos de RAF e ANA, conforme a tabela a seguir:

Tabela 1: Visão de dois componentes do Grupo amostra no momento da junção e separação de dois Grupos em razão de um tema.

RAF	ANA
Junção dos Grupos	
“No início não houve problema, porque nós estávamos abertos a juntar com o outro grupo. O trabalho seria feito normalmente, sem problemas”.	“Porque primeiro a gente tinha se reunido por afinidade. E depois juntar naquele grupão...Tinha muita gente com quem a gente não tem contato. Então nós ficamos meio chocados, pensando: nossa, como é que nós vamos trabalhar com pessoas com quem a gente nunca se relacionou”?
Separação dos Grupos	
“Só que o pessoal não abriu espaço pra dialogar com a gente. Então, foi só esse problema”.	“Porque o outro grupo não queria se desfazer. Nós ficamos até com um grupo menor, porque nenhum membro de lá queria vir pro nosso pra ficar mais homogêneo o número pelo menos”.

Para RAF, que concebe o Grupo numa perspectiva mais operativa, trabalhar em um novo Grupo, com pessoas diferentes é algo natural, a que não faz nenhuma objeção. Entretanto, ANA evidencia uma certa resistência, com receio de que o processo de operacionalização do Grupo fosse prejudicado em virtude da falta de um conhecimento mais profundo dos integrantes do outro Grupo.

Quanto à subdivisão do Grupo, RAF e ANA evidenciaram resistência e falta de diálogo com os recém integrantes, provenientes do outro Grupo, o que culminou na formação de dois Grupos, novamente. Esse fato é confirmado na fala de CYN, no momento que ainda estava no seu primeiro Grupo, ao dizer:

“O povo preferia ficar junto no grupo. O tema, qualquer um tava bom, a gente ia trabalhar qualquer um, tanto que ninguém quis sair para ir para outro tema”.

Analisando os depoimentos, nota-se que não havia uma necessidade comum entre os membros dos dois Grupos. Para alguns, o objetivo era trabalhar o tema Diversidade Sexual,

enquanto que, para outros, era manterem-se unidos e trabalharem juntos, independente do tema. Ao se retomar as idéias de SOUTO (1993), pode-se compreender o insucesso dessa segunda formação –junção dos dois Grupos-, ao afirmar que um Grupo constitui-se a partir de uma necessidade ou de um risco comum e o seu sucesso vai existir a partir das unificações individuais.

5.3- TRABALHO DO GRUPO DURANTE O “PAINEL INTEGRADO”

“Acho muito bom trabalhar em Grupo, todos discutem e participam... Até ficamos tristes por ter que nos separar para a segunda fase do Painel integrado” (ANA).

O registro acima, reflete a idéia de que Grupo remete a algo que se faz pelo trabalho, aprender como uma ação coletiva. ANA fala do compromisso dos componentes durante a primeira fase do “Painel Integrado”, manifestando receio de sair de um suposto Grupo operativo, ou seja, de aceitar a idéia de desfazê-lo, mesmo que temporariamente. ANA ainda não está culturalmente comprometida com a prática da inclusão social, pela Ética, um dos princípios norteadores do “Painel Integrado”.

O receio de ANA quanto à mudança de Grupo, para continuar o estudo com outros colegas não escolhidas por afinidade, está mais explícito no trecho abaixo :

“Primeiro quando a gente falou, vamos começar a fase II, todo mundo se olhou assim... e pensamos ‘nossa vamos ter que sair’. Mas, cheguei num grupo muito bom, gostei muito do trabalho, acho que rendeu muito” (ANA).

Segundo GAYOTTO e DOMINGUES (2001), a mudança altera estruturas e põe em questão a estabilidade pessoal e relacional, provocando reações defensivas nas pessoas e no Grupo, porque incluiu superar estruturas determinadas e conhecidas que causam segurança, colocando o indivíduo frente ao desconhecido. Dessa forma, conviver com a desestruturação e a desintegração deve incluir a idéia da reestruturação e da reintegração.

Na perspectiva das referidas autoras, o comportamento de ANA- receio do desconhecido, advindo da insegurança pela mudança de Grupo, foi superado com a reintegração das acadêmicas a um novo Grupo que, mesmo sendo formado por pessoas não conhecidas, conseguiu trabalhar de forma produtiva, conforme foi relatado. A própria dinâmica do “Painel Integrado” permitiu que ANA vivenciasse uma situação na qual pôde fazer uma revisão conceitual de Grupo, ao experimentar a convivência e o trabalho com outras pessoas, o que auxiliou no processo desconstrução de um modelo de prática grupal assimilado durante o curso de Graduação: o de trabalhar sempre nos mesmos Grupos.

Na terceira fase do Painel Integrado, RUB traz uma interessante contribuição:

“Pensei que seria massante discutir o mesmo assunto novamente e, no entanto, foi justamente o contrário: foi bastante construtivo.... Não havia pensado na possibilidade de que o mesmo assunto, discutido duas vezes com as mesmas pessoas pudesse revelar opiniões tão diferentes da primeira vez em que foi discutido” (RUB).

RUB percebe que o trabalho feito na segunda fase promoveu não só mudança de atitudes, mas também mudança conceitual dos colegas.

É interessante perceber que, no contexto da segunda fase, cada componente do Grupo torna-se porta-voz do seu Grupo anterior, responsável pela exposição e esclarecimento da sua

temática e isso fez com que acadêmicos/as mais introvertidos, pudessem exercitar a fala e se tornar mais participativos, conforme foi descrito no Portfólio de acadêmico/a de outro Grupo.

“Acredito que aprendi muito nesta atividade de trocar de grupo. Primeiramente, por ter desenvolvido a atividade da fala e da representação do grupo. Além disso pude conhecer pessoas novas e mudar um pouco a concepção de que é preciso estar entre conhecidos para se ter uma boa relação de grupo.”

Dessa forma, compete aos professores entender a importância do significado de Grupo no seu Averso, ou seja, as contribuições educativas decorrentes de sua prática, para que possam optar por uma metodologia de Trabalho em Grupo, enquanto processo na Ação. É fundamental que o Trabalho em Grupo seja uma necessidade a ser alcançada, como uma estratégia intermediária, que auxilie os alunos a superarem suas dificuldades pessoais ao invés de intensificá-las.

5.4- O “PAINEL INTEGRADO” COMO ELEMENTO INTERMEDIÁRIO NA FORMAÇÃO E NA OPERACIONALIZAÇÃO DO GRUPO

Segundo VIGOTSKY (1984), a mediação, em termos genéricos, é o processo de intervenção de um elemento intermediário numa relação; que deixa, então, de ser direta e passa a ser mediada por esse elemento. Nessa perspectiva, compreende-se o “Painel Integrado” como elemento intermediário no desenvolvimento do Trabalho em Grupo, uma vez que exigiu dos acadêmicos novas condutas: reflexão e questionamento de práticas pessoais anteriores, além de possibilitar a construção de projeções- ações como futuros docentes. Vejamos o que fala RAF:

“Eu gostei muito do “Painel Integrado”... É uma técnica que eu vou levar pra sala de aula. Vou carregar comigo. Se um dia eu for fazer um trabalho de grupo, vai ser esse. Eu acho que é muito melhor do que os trabalhos que a gente fez durante Graduação” (RAF).

Para ANA, o “Painel Integrado” promoveu um fortalecimento do Grupo, na medida em que possibilitou o crescimento individual de seus integrantes através do exercício da fala e da socialização ANA traz outra contribuição que também merece ser destacada:

“ Eu acho que foi muito bom, porque engrandece muito. O grupo fica muito mais forte, porque não fica centrado em duas pessoas que leram pra falar para os outros...Muito melhor do que todos que eu já fiz” (ANA).

Nesse sentido, a vivência de Trabalho em Grupo, na perspectiva do “Painel Integrado”, requer fundamentação teórica significativa, por exemplo, de SOUTO (1993), BARUS-MICHEL (2004) e PICHON-RIVIÉRE (1998), sobretudo, durante o processo de formação dos licenciandos, para que, posteriormente, na figura de profissionais da educação, possam colocar em prática um ensino fundamentado na formação científica, intelectual e pessoal.

VI- DESCOBERTAS E NOVOS HORIZONTES

O Trabalho em Grupo constitui uma prática extremamente enriquecedora, que possibilita não só uma aprendizagem diferenciada de conteúdos conceituais, mas também uma aprendizagem de atitudes e valores essenciais para a formação pessoal e profissional do indivíduo.

Na análise sobre a concepção de Grupo constatamos três posições:

Busca de um tipo de garantia do Grupo, numa visão afetiva, coletiva e produtiva. Para alguns, numa perspectiva exclusiva e, para outros, inclusiva, quando o outro demonstrar habilidades e talento. A concepção mais freqüente é a de que o Grupo deve ser composto por pessoas que se conhecem, convivem e têm afinidade. Uma das justificativas para tal concepção é o fato de que o Grupo significa troca e, numa situação de avaliação e tempo restrito, fica mais fácil trabalhar com pessoas conhecidas. Em um nível mais evoluído de concepção de Grupo, constatamos que é importante considerar, além da afinidade, o jeito de pensar e a forma de trabalhar.

Necessidade de articulação da pessoa com o objeto de aprendizagem, ou seja, o tema a ser trabalhado, como condição de melhoria do desempenho do Grupo, mas ainda priorizando a afinidade, como se essa não pudesse ser construída.

Na análise da história vivenciada pelos acadêmicos sobre Trabalho em Grupo, durante a Graduação, constatamos dois tipos de comportamento:

- Aceitação passiva, por parte de professores e alunos, do modelo vigente de Grupo fundamentado na Ação individual dos seus componentes, mesmo não compartilhando com o modelo. Isso mostra que, na prática, os próprios alunos percebem a fragilidade de tal modelo, caracterizado pela falta de metodologia de ensino e de avaliação do Trabalho em Grupo como processo na Ação coletiva. Um modelo injusto, pois beneficia alunos descomprometidos com a aprendizagem e que, em vez de educar, abre mais possibilidades de reforço de traços de personalidade não compatíveis com a Ética Cidadã. Nesse sentido, a avaliação da aprendizagem fica comprometida, pois os professores, nesse caso, preferem não ser rigorosos, provavelmente, para evitar conflitos interpessoais.

- Demanda pela aprendizagem significativa, visto que os acadêmicos reconhecem que, muitas vezes, o Grupo não é operativo e produtivo por que alguns não se identificam com o tema imposto pelo professor/a. Numa situação de escolha, muitos continuam priorizando a afinidade entre os colegas e, não, o tema.

Na análise da experiência pesquisada, tivemos a oportunidade de fazer algumas descobertas:

- O tema precisa ser extremamente significativo, para ser prioridade em relação à afinidade.
- A estratégia metodológica – “Painel Integrado” – como possibilidade para a vivência das relações interpessoais na perspectiva da inclusão social e como elemento intermediário, potencializando mudanças de atitudes durante o processo.
- A experiência pesquisada no percurso da transposição didática

No entanto, cabe ressaltar que a postura dos sujeitos pesquisados em relação à afinidade deve ser compreendida, uma vez que eles são colegas de classe por aproximadamente três anos. Em razão disso, compete ao professor utilizar uma metodologia de ensino que possibilite rever e ampliar tal concepção de Grupo, como mostra a presente pesquisa. Isso representa mais um motivo para o investimento do professor na postura do sujeito como terceiro, diante de uma relação dual, no sentido de impedir que a afinidade se torne um obstáculo para o crescimento intelectual e para a produção do Grupo. Recorrendo a BARUS- MICHEL (2004, p.57), que esclarece a posição do terceiro no Grupo, tem-se que:

O terceiro, esse agitador que obriga a um desvio, separa, impele a tomar posição em relação a ele e depois aos outros, a olhar-se a si mesmo de maneira diferente. O terceiro desencadeia a diferenciação. É, de alguma forma, o esboço da lei, uma referência, um olhar-padrão. É a lei que o substitui quando a relação é social, quando o terceiro está ausente.

Concluindo, o Trabalho em Grupo, no seu Averso, implica perceber e refletir o “vir a ser” do Grupo no processo da Ação. Trata-se de uma prática que somente pode ser construída a partir do comportamento dos estudantes em estratégias que norteiam e permeiam o processo, na sala de aula, sob mediação do professor/a, que nessa pesquisa foi o Painel Integrado, razão de seu lugar de destaque nesse trabalho.

Portanto, os acadêmicos precisam de orientação no seu processo de mudança de concepções e conseqüentemente de atitudes. O papel do professor, na Graduação, é de extrema importância para fazer surgir, na Formação de professores, uma nova concepção de Trabalho em Grupo, que influi na aprendizagem e nas relações interpessoais.

Espera-se que essa pesquisa contribua com a Educação, ao atentar para uma questão educativa e social que focalizou a formação de futuros professores e a postura de professores formadores. Dessa forma, tenta-se trilhar alguns caminhos em direção à formação docente com qualidade, uma vez que ser profissional professor significa experimentar inexplicáveis situações e transpor inúmeros obstáculos, o que exige sabedoria, perseverança e profissionalismo.

VII- REFERÊNCIAS

AUSUBEL, D. P.; NOVAK, J. D.; HANESIAN, H. **Psicología educacional**. Tradução e adaptação de Eva Nick et al. Rio de Janeiro: Interamericana, 1980. Título original: Educational Psychology.

BARCELOS, N. N. S. **O ensino da “História Ecológica da Terra”: um desafio para professores de Biologia**. In: VII EPEB- Encontro “Perspectivas do Ensino de Biologia”. Coletânea. São Paulo, FEUSP, 2000. p.262-264.

BARUS-MICHEL, J. **O sujeito social**. Tradução de Eunice Galery e Virgínia Mata Machado. Belo Horizonte: PUC de Minas, 2004.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos. Apresentação dos temas transversais**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/ SEF, 1998.

GAYOTTO, M. L. C.; DOMINGUES, I. **Liderança: Aprenda a mudar em Grupo**. 5 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

JESUS, G. C. C de. **Trabalho de Grupo na educação básica e superior: na superficialidade, na travessia e no avesso**. 2003. 33 f. Monografia (Obtenção do grau de Bacharel) – Instituto de Biologia. Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2003.

OSÓRIO, L. C. **Grupos: teorias e práticas – acessando a era da grupalidade**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

PICHON-RIVIÉRE, E. **O processo grupal**. Tradução de Marco Aurélio Fernandes Velloso. Revisão de Mônica Stahel. 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998. Título original: El proceso grupal.

ROSA, K. S. ; BARCELOS, N. N. S. **Trabalho de Grupo na universidade: Que formação é essa?** In: XIX Semana Científica de Estudos Biológicos – Conservação e Gerenciamento dos Recursos Naturais. Anais. Uberlândia, 18 Jan. 2004. p.109. 1 CD-ROM.

SARTRE, J. P. **O existencialismo e um humanismo**. Tradução e notas de Vergílio Ferreira. 4 ed. Lisboa: Presença, 1978. Título original: L'existentialisme est im humanisme.

SOUTO, M. A. de. **Hacia una didáctica de lo grupal**. Prólogo de Jean-Claude Filloux. Colaboracion de Anahí V. Mastache y Diana Mazza. Buenos Aires: Miño y Dávila, 1993.

VIGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.